



# Corações Feridos

Duas irmãs gêmeas. Uma linda, a outra desfigurada.  
Divididas por um terrível segredo...



Louisa Reid





PARTE UM

## **Rebecca e Hephzi**



## Rebecca

### *Depois*

Hoje eles tentaram me fazer ir ao funeral de minha irmã. E eu, por fim, tive de ceder. O vestido preto que Hephzibah usara ano passado, quando Vovó faleceu, pendia pesado em meus ossos, e eu o vestia como uma armadura. Ela sempre foi maior. Nasceu primeiro, mais forte, mais bonita, a gêmea popular. Eu vivi à sombra dela por 16 anos e gostei do frio e da escuridão; era um lugar seguro para esconder-me. Agora eu estremecia no ar pesado de janeiro. Era o primeiro dia do ano-novo, e minha irmã estava morta havia uma semana.

Vovó era gentil e nós queríamos ficar com ela do mesmo modo que outras crianças querem que chegue o Natal. Era a oportunidade de comer chocolate e assistir TV. Uma chance de ler livros até depois da hora de dormir. Na casa de Vovó podíamos rir alto, fantasiar-nos, e ela até nos deixava usar sua maquiagem. Hephzi adorava maquiagem; quanto mais brilhante, melhor. Vovó fez questão de que minha irmã tivesse um sutiã ao completar 12 anos. Às vezes, ela nos levava ao cinema e assistíamos a filmes inadequados: princesas da Disney, animações, Harry Potter. Ela era a mãe da Mãe. Vovó costumava beijar-me e dizer que eu era adorável. Seu amorzinho. Ninguém mais dizia isso, nunca. Conforme fomos ficando mais velhas, nós a visitávamos cada vez menos. Não havia necessidade, diziam os Pais; seríamos mais úteis nos eventos da igreja que na casa de Vovó. Longos anos de marasmo por causa de sua ausência. Sei que Vovó sentia nossa falta. Quando ela telefonava e uma de nós atendia, sua voz soava fina e distante, como um avião de papel espiralando ao longe. Então ela morreu.

Gravei o dia de hoje em minha memória como mais um dia negro, e está lá, uma dura história inscrita em meu coração. As histórias que tenho escondidas dentro de mim; se você pudesse abrir-me, leria a verdade. Olhe para dentro, retire a pele, a carne e os ossos e encontrará uma biblioteca de sofrimentos. Talvez você me peça para explicar. Eu sou, antes de tudo, a curadora desse passado. Mas algumas coisas são terríveis demais para serem contadas, e essas palavras estão enterradas profundamente. Essas são palavras que eu nunca sussurrei nem mesmo à minha irmã, essas são palavras que não ousou pronunciar em voz alta. Eu gostaria de que elas não chorassem nas paredes do meu quarto ou me caçassem nos meus sonhos.

Há uma cicatriz no meu coração causada pela morte da Vovó e outra pelo dia em que pela primeira vez Hephzi não quis acompanhar-me na volta da escola para casa. Eu tive de mentir para explicar a ausência dela quando cheguei sozinha à casa paroquial, dizendo que Hephzi tivera aulas extras de Matemática. Isso foi em setembro, quando começamos o Ensino Médio, quatro meses antes. Na escola, todos notaram o quanto minha irmã gêmea era bonita, meiga e divertida, e ela logo estava sendo convidada para festas e falando com os garotos. Por ser irmã dela, ninguém me incomodava, mas acho que os outros adolescentes riam de mim pelas costas. Talvez Hephzibah risse também. Ninguém me olhava nos olhos. Até os professores achavam isso difícil.

E agora ela está morta. E seu funeral foi hoje. O caixão era branco. A Mãe chorou. O Pai presidiu a cerimônia. Quando os bondosos carolas do lugar perguntaram-lhe como estava conseguindo suportar aquilo, ele disse que era preciso, que era seu dever para com a filha. Eu fiquei na frente, no vestido preto de Hephzi, e me perguntava se ela, de dentro do caixão de madeira, conseguia ouvir o que estava acontecendo e se também se sentia sozinha e com frio. Ela enfim saberia, pela primeira vez, o que significa ser deixada de lado. Seus amigos de

escola estavam no fundo da igreja e choravam. Ele não pôde proibi-los de ir, mas seu olhar gélido deixava bem claro que eles não eram bem-vindos. Eu olhava para o chão, detestando todos eles. Hipócritas. Eles não nos ajudaram quando ela estava viva, então por que estavam ali agora, quando já era tarde demais? Terminada a cerimônia, ninguém falou comigo e eu fiquei sozinha, esperando que os Pais acabassem de receber as condolências.

Estar sozinha parecia errado. Todos podiam ver agora que Hephzi fora embora. Havia sempre um par de olhos em algum lugar me fitando com fascínio e horror. Eu podia sentir esses olhares como se fossem formigas rastejando sob minha pele. Eventualmente, Tia Melissa, a irmã da Mãe, vinha e me perguntava como eu estava. Ela viera da Escócia e eu mal a reconheci à primeira vista, mas mesmo assim ela se arriscou a colocar o braço ao redor dos meus ombros e tentou abraçar-me. Quando eu não correspondi a seus murmúrios aflitos e me distanciei de seu toque, ela recuou. Não falei com minha tia porque sabia que ele mantinha os olhos em mim, e eu estava ocupada demais contando a Hephzi o que todos ali estavam fazendo e esperando atentamente que ela me respondesse.

Uma semana sem ela havia sido muito tempo.

Entretanto, agora está escuro e o dia está quase acabando. Ainda tenho de dormir nesse quarto com a outra cama vazia a apenas alguns passos de distância. A cama de Hephzi. Às vezes acordo no meio da noite, atormentada por meus próprios gritos e pelo barulho que vem da parede e, por um momento, posso ver o contorno suave de seu corpo ali, de costas para mim — como sempre —, respirando levemente.



## **Hephzi**

### *Antes*

OK. Minha família é maluca. Completamente estranha. Um dia eu vou cair fora daqui, não há dúvida quanto a isso, mesmo que isso signifique deixar minha irmã para trás.

O dia em que ingressamos no segundo grau foi o início para mim. Eu aspirava isso no ar de setembro na escola, escutava isso no barulho das portas dos armários sendo batidas e nos gritos e risadas de vozes desconhecidas, saboreava isso em meus lábios quando sorria para estranhos e eles sorriam de volta para mim. Sei que agora posso ser livre. Disse à minha mãe que, se ela não me deixasse ir, eu faria da sua vida um inferno; ela deve ter acreditado em mim, e, de alguma forma, persuadiu meu pai. Sou maior e mais forte que ela agora e sei bem como trazê-la para o meu lado, assim, se tiver sorte, posso fazer as coisas do meu jeito de vez em quando. De qualquer forma, conseguimos isso, e foi como se alguém tivesse me dado as chaves de um reino. Os corredores repletos de jovens da nossa idade, de todos os tipos, de diferentes formas e tamanhos. Eu mal podia esperar para falar com eles e já sentia o olhar de admiração dos garotos. Isto é o que mais me interessa: garotos. Eu nunca tivera um namorado, mas arrumaria um bem rapidamente; sabia que não era tarefa tão difícil. Óbvio que eu teria, primeiro, de livrar-me de Rebecca. Eu não poderia tê-la pendurada em meu pescoço, afligindo-me com seus olhos estúpidos.

Você não tem ideia do que é ter uma aberração como irmã. Quero dizer, estou acostumada com isso. Para mim, o rosto dela é tão familiar quanto o meu. Mas, quando as pessoas a veem pela primeira vez,



bem, não se pode culpá-las por quererem vomitar. E isso não parece fazê-la querer tornar as coisas mais simples para si mesma; ela nem mesmo tenta conversar sobre coisas normais. Sei que as coisas não são normais lá em nossa casa, mas digo a ela para ao menos tentar. Se você a ouvisse, entenderia isso bem depressa. Mais que tudo, eu falo para ela não ser tão fechada, para arrumar coisas interessantes para fazer. No entanto, ela continua aprisionada nessa coisa toda. Ela só precisa ser um pouco mais parecida comigo e parar de ficar tremendo à minha sombra.

Na hora do almoço, eu já estava farta de vê-la arruinar tudo, e era um alívio seguir o restante do pessoal até a cantina sem ela por perto. Na fila, comecei a falar com Daisy e Samara, as quais reconheci de uma das aulas. Eu estava tão empolgada que só quando cheguei ao caixa é que me dei conta de que o almoço não era grátis e de que eu estava empantando a fila, então fingi procurar dinheiro no bolso. Samara, que estava logo atrás de mim, ofereceu-me 1 libra e 50 centavos emprestado. Espero que ela se esqueça de pedir que eu devolva. Quando nos sentamos à mesa plástica redonda para comer, elas me perguntaram o que havia de errado com Rebecca. Eu sabia que tinham cochichado sobre isso. Pensei rapidamente no que dizer. Eu não entendo por que Rebecca tem de ser tão constrangedora para mim. Por que sempre tenho de explicar tudo? Não falei nada do que pensei. Disse apenas que ela tinha um rosto engraçado. Fim da história.

— Ela sofreu algum acidente? — perguntou Samara.

— Não. Nada disso. É uma síndrome que a faz parecer um pouco estranha, só isso.

— Ah! — Samara e Daisy se entreolharam e não precisei explicar mais. Não lhes falei do que Vovó contara a mim e a Reb quando éramos pequenas a respeito de como as coisas podem dar errado na maneira como os ossos da face se formam quando se está dentro da barriga da mãe.

— Mas está tudo bem. — Eu não achava que elas estivessem convencidas de que Rebecca era mesmo normal (bem, droga), e pude ver Daisy chutando Samara por debaixo da mesa. Mas falavam de outras coisas e me convidaram para ir a um pub na sexta-feira, e achei que tudo bem. Elas vão toda semana. Aparentemente, é bastante fácil entrar num pub sendo menor de idade se você tiver uma identidade falsa. Eu disse que não tinha e elas prometeram arranjar uma para mim. Craig, o garoto alto, de cabelos escuros, bonitinho, mas não muito falante, conhecia alguém que faria isso por 5 libras. Cinco libras era muito dinheiro, mas eu podia pegar da bolsa da Mãe. Geralmente, eu não ousaria, mas teria de correr alguns riscos se quisesse ter uma vida. E se ela notasse, eu não assumiria a culpa.

Esquecera-me de guardar um pouco do almoço para Rebecca, mas ela não disse nada, e eu também não; depois da escola, eu iria com Samara à casa de Daisy e Reb teria de voltar sozinha para casa. Mas primeiro eu precisava fazê-la prometer que me daria cobertura.

É incrível ir a uma casa normal. Nós sabíamos que elas existiam, Vovó nos mostrara, mas eu me esquecera de como é não ter de arrastar-se na ponta dos pés, não ter de ser o menor e mais silencioso possível. Os pais de Daisy estavam ambos trabalhando, então nós subimos direto para o quarto. Ela tinha sua própria TV, seu próprio banheiro e tudo era amarelo e branco — as cortinas, as roupas de cama, tudo combinava. Por um momento, fixei meu olhar. Eu queria tocar cada coisa: acariciar os bichos de pelúcia que ela mantinha alinhados numa prateleira, experimentar seus sapatos e pular em sua imensa cama com dossel. Daisy colocou uma música, e nós entramos no Facebook. Eu não podia acreditar que ela tinha seu próprio computador também. Elas criaram uma conta para mim, foi um pouco constrangedor admitir que eu não tinha uma, mas não disseram nada, e eu as olhava com muita atenção enquanto usavam o computador, tentando aprender o

mais rápido possível. Daisy tirou uma foto minha com seu celular e a colocou no meu perfil. Eu adicionei as duas, e agora era só esperar as solicitações de amizade. Elas fizeram minhas unhas e tiraram minha sobrancelha, rindo, enquanto eu gritava de dor, diziam que eu estava bonita. Eu nunca me divertira tanto em toda a minha vida.

Só quando Daisy me perguntou como era ser filha de um presbítero é que fiquei um pouco desconfortável.

— Ah, eu não sei... Normal, eu acho.

— Sério? Você tem que, tipo, rezar o tempo todo? Ir à igreja todos os dias?

— É mais ou menos assim... mas, às vezes, nós não vamos. — Não contei a elas que nós nos escondíamos na cama e brincávamos de ser invisíveis. Graças a Deus, Samara mudou de assunto.

— Craig gosta de você.

Eu estava explodindo por dentro. Ele era definitivamente o cara mais legal desse ano e era bonito. Mesmo!

— Como você sabe? — perguntei, tentando não parecer incomodada, mas sentia que estava corando. Eu tinha de lidar com aquilo.

— Ele disse que você é uma gracinha.

Bem, eu não tinha certeza de que aquilo era mesmo tão bom assim. O que realmente queria dizer? Gracinha como um cachorrinho, um gatinho?

Daisy pareceu desconfortável.

— Ele nunca namora ninguém, então, você sabe, não crie expectativas.

— Ah, sim, claro.

Ela mudou de assunto.

— Como era estudar em casa? Não era estranho?

— Às vezes era um pouco chato. Éramos apenas Rebecca, mamãe e eu.

— Eu pensei que você se encontrasse com todos os outros que estudavam em casa. Era o que minha prima fazia. Ela tinha um monte de amigos.

— Ah, sim. Nós fazíamos isso também. Claro. — Seria um monte de mentiras para contar. Então me dei conta de que tinha de ser cautelosa com o que dizia.

— O que você está achando da escola?

— É bacana. Eu acho que eu vou gostar, sim. Todo mundo é muito legal.

— Bem, os professores são legais. Sua irmã pareceu um pouco chateada quando nós a deixamos sozinha. Ela poderia ter vindo junto.

— Não, acho que não, ela não ia querer mesmo. — De jeito nenhum eu deixaria Rebecca queimar meu filme. Ser gêmea já é chato, mas Rebecca era muito maçante.

— Você vai ao pub na sexta-feira, então?

— Talvez, vou ver.

— Você tem de ir. O Craig estará lá — disse Samara.

Eu definitivamente tinha de ir. Era só questão de conseguir escapar.

Quando finalmente cheguei em casa, percebi que Rebecca de fato me dera cobertura, então eu ignorei o olhar desconfiado de meus pais e agi como se nada tivesse acontecido. Eu arrancara o esmalte das unhas enquanto caminhava de volta para casa, deixando uma trilha de lascas de esmalte atrás de mim, como na horrível história que Vovó nos lera algumas vezes. É legal o trecho em que a menina empurra a bruxa para dentro do forno. Rebecca e eu gostávamos um bocado disso.

Era noite de oração e não havia como me esquivar. Acredite, eu estava cansada. Nós nos sentávamos no salão congelante da igreja, tremendo. Roderick, meu pai, sempre dizia que não havia fundos o bastante para aquecer adequadamente o local. Eu olhava para os outros. Era um bando patético — umas poucas velhas corocas e alguns outros do fã-clubes dele. Todos com seu hálito fétido, cabelo ensebado, olhos vidrados e distantes, como se alguém lhes tivesse golpeado a cabeça com uma frigideira. Enquanto eu, sentada, desesperada, tentando não

ouvir o que meu pai dizia, pensava em como faria para escapar na sexta-feira. Eu precisava de algo novo para vestir e cogitava a caixa de donativos. Era impossível que na nova pilha de coisas que chegara não houvesse algo que me servisse. Teria de procurar mais tarde, quando todo mundo tivesse ido dormir. Aposto que a mãe de Daisy a leva para fazer compras quando ela quer algo novo. Minha mãe nunca compra nada. Ela não faz nada novo, e ponto final. Ela estava sentada, com os olhos bem fechados e a cabeça baixa, vestindo roupas que pareciam feitas para uma idosa. Era desconcertante vê-la tão maltrapilha. Rebecca e eu fazíamos ao menos algum esforço, mesmo que para Rebecca tudo que importava era que estivesse limpa. Às vezes, quando queriam nos punir, trancavam o banheiro, mas eu sempre dava um jeito. De jeito nenhum eu sairia por aí como se tivesse mergulhado a cabeça numa frigideira cheia de óleo.

Depois das orações, os cânticos e as curas, São Roderick ia ao encontro dos fiéis e os cumprimentava. Ao contrário de minha mãe, ele gostava de pavonear-se, e eu tinha de ficar ao lado dele, toda cheia de sorrisos, enquanto as pessoas elogiavam seu velho e chato sermão. Bocejos.

Ele me agarrava pelo braço na volta para a casa paroquial. Um pouco apertado demais.

— Bem, Hephzibah. Como foi a aula hoje?

— Bem, obrigada. — Eu tentava desvencilhar-me, mas ele não me deixava ir. Eu ficava com o braço dolorido.

— Espero que você não torne um hábito voltar para casa tarde. Eu não gosto nem de imaginar você sozinha andando pelas ruas no fim da tarde. — Sua voz era tensa, esticada como um fio de arame.

— É perfeitamente seguro. — Discutir com ele não era coisa sensata a fazer, mas, às vezes, eu não resistia. Eu posso aguentar coisas, muito mais do que Rebecca jamais poderá.

— Da próxima vez que você estiver planejando ficar até tarde, avise-me, e estarei lá para buscá-la.

*Sim, nos seus sonhos*, pensei. Mas, em vez de dizer, eu sorri e agradei. Com um pouco de sorte, ele estaria fora na sexta-feira e eu poderia sair escondida.

Na cama, eu decidira que era hora de melhorar meu relacionamento com Rebecca. Ela mal falara comigo aquela noite, e eu sabia que era por eu ter saído sem ela. Sua aparência de cachorro perdido era tão irritante, mas eu tinha de fingir que não percebera que havia algo de errado.

— Você deveria ter ido com a gente hoje. Daisy e Samara são muito legais. Você teria se divertido.

Ela continuava em silêncio, o rosto virado para a parede, contorcida em sua cama. Era tão magra que mal se notava que ela estava ali.

— O que foi? Você não gostou da escola?

Nenhuma resposta. Dei um suspiro martirizado e rolei na cama, virando de costas, eufórica demais para dormir. Eu mal podia esperar para ver meus novos amigos e Craig no dia seguinte. Lembrei-me da nota de 5 libras que precisava encontrar antes de dormir e tentei suggestionar-me a acordar bem mais cedo para esgueirar-me e dar uma olhada na bolsa da Mãe.